

engano malicioso: donde procede serem muytas vezes os varões justos afrontados & perseguidos, & os viciosos favorecidos & sublimados»⁶⁶⁸.

Neste sentido, a Teologia da redenção de Frei Heitor Pinto encerra uma reflexão sobre o mistério religioso do juízo final⁶⁶⁹ como forma de restabelecer a justiça e corrigir as injustiças praticadas durante a vida terrena, porque só o juízo de Deus é verdadeiro, não havendo nele engano ou afeição que leve a julgar o mal por bem e o bem por mal. No juízo universal não há mentira que não se descubra nem coisa escondida que não se revele, pelo que a verdade será pública e ninguém a pode impedir. Ao contrário do mundo em que bons e maus estão misturados, por meio do juízo final os justos serão sentados nas cadeiras do céu para sempre e os perdidos sofrerão as penas do inferno sem fim⁶⁷⁰.

2.8. A Imitação do Espelho nos «Trabalhos de Jesus» de Frei Tomé de Jesus

Alexandre Freire Duarte

«Dieu, seul miroir où l'on puisse se connaître.
Dans tous les autres on ne fait que se voir»

Joseph Joubert
Carnets

De acordo com a teoria weinbergeriana, os livros dividem-se em duas classes em função da perspetiva de quem os lê: os livros mortos e os livros vivos, sendo que aqueles são os que, quando lidos, não levam a nenhuma mudança na vida do seu leitor. Todavia, há uma outra distinção que usa as mesmas categorias. Esta, embora mantenha a atenção colocada na relação entre livros e leitores, foca-se na memória, individual e coletiva, que se tem destes últimos. Assim e segundo esta classificação, há, de novo, livros vivos e livros que, convertidos apenas em quase-sombras nas notas de rodapé que possam ser lidas, estão sepultados em mais ou menos numerosas estantes sepulcrais. Entre uns e outros, existem ainda livros que nascem e voltam a nascer. Olhando para uma pequena estirpe destes, talvez tenham razão todos aqueles que acreditam que um livro nasce duas vezes para um seu leitor. Uma, quando ele descobre a existência de tal livro. A outra, quando, num local perfeitamente

⁶⁶⁸ Cf. *ibidem*, cap. XXIII, p. 163.

⁶⁶⁹ Cf. *ibidem*, cap. XXIV, p. 164.

⁶⁷⁰ Cf. *ibidem*, cap. XXIV, p. 167.

inusitado que rompe com a suposta lógica das expectativas ego-referentes, o leitor se volta a encontrar com este e, como «il nous faut naître deux fois pour vivre un peu»⁶⁷¹, vê-lo habitar pela primeira vez na sua vida.

Este ensaio versa, precisamente, sobre um livro que nasceu para nós duas vezes, a segunda das quais quando, atravessando o deserto tropical da redação de uma tese do doutoramento sobre François Fénelon, nos deparámos, na exegese de uma missiva deste⁶⁷², com a referência à leitura das «*Souffrances*» de Jesus Cristo. Se, de início, a nossa preocupação foi, principalmente, perceber como é que esta referência se articulava com *moiclastia* do Mondanais, houve depois que procurar identificar qual seria aquela obra. Após mais um agreste cotejar de, nem sempre coincidentes, fontes e informações, verificámos que o arcebispo de Cambrai se estava a referir ao monumental ostensório de palavras que é a obra *Trabalhos de Jesus* do frade agostinho Tomé de Jesus (1529-1582).

Foi ainda com este segundo nascimento bem presente na nossa memória que acolhemos, com um imenso apreço, o convite para redigirmos um ensaio sobre tal obra. Logo nessa ocasião, projetando a nossa ponderação espiritual para a temática da imitação do espelho como moldura interpretativa da redenção cristã, pensámos que seria a ocasião para que tal livro nascesse por uma terceira vez na nossa vida. Mas não só: que, por estas palavras que aqui começam a ser grafadas, porventura o mesmo pudesse vir a nascer, ou voltar a nascer, para algum nosso futurível leitor.

2.8.1. Espelho meu, Espelho meu...

Todas as superfícies especulares – as planas, semi-esféricas ou esféricas, concavas ou convexas – são uma realidade intrigante, fascinando ou assustando aqueles que nelas se observam. As fotografias e os filmes ainda não existiam e, com uma flexibilidade que a pintura jamais logra, tais superfícies, e de modo particular os espelhos planos, já eram o meio privilegiado de tornar visível o invisível, de modo particular num analógico visível eivado de sementes de invisibilidade. Ocorre isto à semelhança desse curioso fenómeno óptico que é o de, em certas circunstâncias, só se conseguir vislumbrar ténues focos de luz, não de modo direto, mas indireto e (ou) pelo canto do olho mediante a reflexão de tal luz na própria córnea. No contexto cristão e devido à dupla consubstancialidade de Jesus Cristo – afirmada, por exemplo, no título cristológico de Maria como *Theotókos* –, a humanidade d'Este foi tida, com grande facilidade, como o espelho espiritual por excelência: de Deus e

⁶⁷¹ Christian Bobin, *La plus que vive*, Paris, Gallimard, 1996, 15.

⁶⁷² François Fénelon, «Lettre a Charlotte de Saint-Cyprien» (25 de Dezembro de 1711), in Jean Orcibal; Jacques Le Brun; Irénée Noyé; Bruno Neveu (ed.), *Correspondance de Fénelon*, vol. 14, Genève, Droz, 1992, 477.

do ser humano, tanto no que este é, como no que deve ser. Tomé de Jesus é fidelíssimo a esta realidade.

Desde logo, pelo facto de permanecer inalterável no seu sintético e unitário refletir, através de imagens inabarcáveis pela mão humana, das mais distintas realidades, o simbolismo do espelho, especialmente o plano, passou a ser usado para evocar a inacessível e, como declarou Agostinho de Hipona, «mirabiliter simplicem atque incommutabilem»⁶⁷³ natureza divina. Do ponto de vista bíblico, enquanto primordial imagem do Deus invisível (cf. Col. 1,15), Jesus é a máxima visibilidade d'Este que é possível à natureza humana (cf. Jo. 1,18; 14,9). O nosso Autor insere-se claramente nesta linha de pensamento que identifica Jesus com uma Sabedoria divina (cf., v.g., 1Cor. 1,24.30) que é dita como «espelho imaculado da actividade de Deus» (Sab. 7,26).

Neste sentido, Tomé de Jesus – reconhecendo, por entre a multiplicação exponencial do não-consumado, que apenas a economia permite conhecer a teologia – afirma que Jesus é o Espelho da glória⁶⁷⁴ e dos tesouros⁶⁷⁵ de Deus. De entre estes últimos, Jesus Cristo é-o, de modo especial, da eterna bondade divina⁶⁷⁶ e das puras, e igualmente eternas, verdades⁶⁷⁷ que decorrem da, e manifestam a, «incompreensível sabedoria»⁶⁷⁸ divina.

Seguidamente, também é patente que o espelho permite que se observe sinopticamente uma imagem tridimensional. Com efeito, esta só seria apreensível como um todo, de modo muito mais imperfeito, mediante o uso de uma faculdade da memória que, a par ou não de uma visão atual de uma porção desse objeto, iria reconciliando distintas visões parciais. Desta evidência, o espelho tornou-se expressão de uma informação objetiva que, suscitando ou alimentando o desejo, pode, ou deve, ser assimilada por um sujeito que, através de um tropismo, se via a querer «ser como». Pois bem, para as Escrituras bíblicas, Jesus Cristo, mesmo na sua desfiguração e não menos por não ter conhecido o pecado (cf. Hb. 4,15), não é apenas perfeitamente ser humano, mas é o ser humano perfeito ou por excelência (cf. Jo. 19,5); isto é, a manifestação integral do que o ser humano está chamado a se adequar e ser.

Tomé de Jesus deixa isto absolutamente claro quando, na sua periódica marchetaria retórica, escreve as seguintes palavras: «Attenta, minha alma, que Pilatos não sabe o que diz: olha que aquella palavra he do Padre Eterno,

⁶⁷³ Agostinho de Hipona, *Confessiones*, 4, 16, 29, PL 32, 704.

⁶⁷⁴ Cf. Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, vol. 2, Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 1865, 163. As indicações a esta obra passarão a ser feitas segundo o esquema: *Trabalhos de Jesus*, volume, página(s). De notar que, com as exceções anotadas, estas referências serão meramente indicativas e ilustrativas.

⁶⁷⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 172.

⁶⁷⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 235.

⁶⁷⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 70.

⁶⁷⁸ *Trabalhos de Jesus*, I, 123.

que pela sua boca falla contigo, e te diz: «Ecce homo». Eis aqui o homem»⁶⁷⁹. O sujeito, assim e sempre na perspectiva de Jesus como Espelho exemplar que encontramos em todas as passagens que passaremos a aludir, deve começar por pedir que Este limpe a sua visão interior⁶⁸⁰. E isto para, depois e abrindo os olhos⁶⁸¹ no âmbito de um «íntimo, e perpetuo recolhimento»⁶⁸² recebido como dom, poder, num misto de intuição e observação, olhar atenta e continuamente⁶⁸³ para tal Espelho da verdadeira humanidade com que se deve configurar. Efetivamente, Jesus Cristo, na obra que estamos a ponderar, manifesta-se especularmente, sem qualquer «*tromp l'oeil*», como o Alfa e o Ómega da realização de todo o bem e de todas as virtudes que, n'Ele constatadas por concentração e desenvolvimento, humanizam o ser humano a um nível superior⁶⁸⁴, particularmente, e no âmbito das intrincadas relações mútuas entre o ver e o amar, uma amorosa e confiada obediência à vontade do Pai⁶⁸⁵, que leva a um desapego pelo que se faz e se padece⁶⁸⁶.

Finalmente, é inegável que durante muito tempo, esse essencial traço identificativo de ser humano que é o rosto, só era cognoscível, para aquele e dentro do possível aprumável por vaidade ou modéstia, mediante uma superfície que o refletisse. A partir da percepção deste facto, toda uma imagética do espelho passou a associá-lo ao conhecimento do sujeito e à transformação deste, tendo em vista a reprodução de um certo ideal. Pois bem, de acordo com o Novo testamento, se Jesus espelha o que é a meta do ser humano, Ele não menos espelha o que este é na sua existencial realidade lesada pelo pecado, não menos no sentido em que, segundo os textos neotestamentários a lerem cristologicamente o quarto cântico do Servo de YHWH (cf. Is. 52,13-53,12; Mt. 8,17), as feridas que Jesus carrega não são senão as da humanidade (cf., v.g., 1Pd. 2,24). Ou seja, o «*Ecce homo*» é tão o ser humano na sua perfeita expressão, quão, nas suas chagas, a manifestação da sombria realidade de cada pessoa humana, que – de outra forma podendo passar despercebida a esta – deve ser transformada para se configurar com o seu ideal, que, como já vimos anteriormente, é o próprio Jesus Cristo.

O nosso Autor – na sua verdadeira teologia do conhecimento, decorrente da perspectiva de Jesus Cristo como transformante «espelho de nossas vidas»⁶⁸⁷ patente em todas as passagens de *Trabalhos de Jesus* que iremos

⁶⁷⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, 178.

⁶⁸⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 114.

⁶⁸¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 56.

⁶⁸² Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 114.

⁶⁸³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 69.

⁶⁸⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 245.

⁶⁸⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 152; e, após, Boaventura de Bagnoregio, *Epistola de imitatione Christi*, 12s [daqui em diante apenas referido pelo nome do autor seguido de *De imitatione*].

⁶⁸⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 129.

⁶⁸⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 393.

apontar – também faz eco desta terceira propriedade especular. Segundo ele, o sujeito – especialmente diante do Espelho claríssimo que é Cristo Jesus na Cruz⁶⁸⁸ e ponderando, através de uma comparação, estar perto ou longe do coração d'Aquele⁶⁸⁹ – acaba por admitir que, fruto do seu desamor e naquilo que também mostra que o tema da imitação está intimamente ligado ao da teologia da imagem e semelhança (cf., *v.g.*, Gn. 1,26) – e recordemos que «*imitari*» e «*imago*» têm a mesma raiz –, anda desfigurado e «em uma região de dessemelhança»⁶⁹⁰ (cf. Lc. 15,13). Mais: e – vendo-se a si em tal humilde Espelho⁶⁹¹, que projeta uma imagem que não apenas reflete, mas lidera – reconhecer que foram os seus pecados⁶⁹² a causa das crueldades aplicadas Àquele⁶⁹³ e, assim e como se lê no mesmo eido, dar-se conta do que as mesmas estão a fazer na sua própria vida.

É justamente a partir desta rasura domada que o crente, contemplando esse iluminante⁶⁹⁴ Espelho que aponta a «reformação de nossos males»⁶⁹⁵ pelo visibilizar concentrado das verdades evangélicas⁶⁹⁶, é levado a empenhar-se, quer no recusar de todas as formas de desamor decorrentes do amor-próprio⁶⁹⁷ (cf. 2Tm. 3,1), quer num movimento de submissão do entendimento, que, com aqueloutro elemento, facultará que o mesmo logre evitar erros de decisão⁶⁹⁸. E isto pois tal contemplação humilha e purifica o crente⁶⁹⁹, eliminando a soberba⁷⁰⁰ ao dar a divisar que o único triunfo admissível ao cristão é o que se encontra na própria morte ressuscitante⁷⁰¹ (cf. Flp. 3,10s).

Com efeito e como bem recorda Tomé de Jesus no seu discurso equevamente obsolecente, a vitória cristã não é a do Mundo (cf. Jo. 18,36), mas a da frágil onipotência do amor; é a partir desta base, que o sujeito vê estimulado o seu amor e, numa associação temática recorrente que detalharemos seguidamente, acicatado o desejo de imitar a Cristo⁷⁰² e parecer-se com Ele⁷⁰³. Fora deste contexto óptico do vislumbre do «espelho de toda a

⁶⁸⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 198.

⁶⁸⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 388.

⁶⁹⁰ *Trabalhos de Jesus*, I, 56; cf. Agostinho de Hipona, *Confessiones*, 7, 10, 16, PL 32, 742.

⁶⁹¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 172.

⁶⁹² Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 164.

⁶⁹³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 172.

⁶⁹⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 104.

⁶⁹⁵ *Trabalhos de Jesus*, I, 221.

⁶⁹⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 230.

⁶⁹⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 66.

⁶⁹⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 35.

⁶⁹⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 104.

⁷⁰⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 114.

⁷⁰¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 254.

⁷⁰² Cf., numa lista que se pretendeu exaustiva, *Trabalhos de Jesus*, I, 35; I, 225; I, 376; I, 393; II, 12; II, 13; II, 46; II, 114; II, 119; II, 198; II, 254.

⁷⁰³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 46.

verdade, e desengano de todos os erros»⁷⁰⁴, o sujeito, numa afirmação com relevantes implicações para a soteriologia tomesiana, perde-se⁷⁰⁵, porquanto se vê incapaz de se reformar dos seus pecados⁷⁰⁶.

2.8.2. A gravidade da imitação

Conforme pudemos verificar precedentemente, o nosso enclausurado frade agostinho apresenta Jesus Cristo como o Espelho que deve ser observado cordicamente pelo sujeito, para que neste se opere uma transformação vetorial: da sua existência na região da dissemelhança, ou do desamor, a uma outra configurada pela imitação do modelo que é esse mesmo Jesus. Iremos analisar, neste e no próximo apartado, como é que o tema clássico da imitação, que o nosso Autor terá conhecido através de muitas fontes durante a sua formação em Lisboa e Coimbra, surge plasmado em *Trabalhos de Jesus*. Fá-lo-emos articulando, com o máximo de probidade e ainda e sempre a partir de uma metodologia hermenêutica bahamontiana apropriada a um estudo de espiritualidade, os encadeamentos temáticos que Tomé de Jesus, engendrando e refletindo impulsos ocultos, apresenta acerca daquela imitação.

Em primeiro lugar, iremos debruçar-nos sobre a gravidade da imitação a Cristo-Espelho; isto é, o seu relevo e as condições matriciais para a mesma. No que concerne à importância da imitação enquanto valor espiritual que expressa a solidariedade humano-divina, e para compreendermos o papel da imitação a Cristo-Espelho nos *Trabalhos de Jesus*, é decisivo reter que para o nosso frade agostinho o objetivo de tal obra é levar o seu leitor reconhecer que é uma sua obrigação imitar a Cristo⁷⁰⁷. Do ponto de vista teológico, este relevo é justificado mediante a referência ao facto de que, segundo o nosso Autor, a própria encarnação teve como fito permitir que o ser humano imitasse a Deus feito Homem em Cristo Jesus e, assim, ao próprio Deus⁷⁰⁸ (cf., v.g., Ef. 4,32-35 e Lc. 6,36): «fez-se (como diz meu Padre Santo Agostinho) Deos homem, pera que o homem tivesse homem a que visse, e Deos a que imitasse»⁷⁰⁹.

Daqui decorrem dois dados. Por um lado, a imitação proposta por Tomé de Jesus surge marcada por uma dimensão responsorial e obediencial. Por outro, a «*imitatio Dei*» – segundo o nosso Autor a escrever, sem indecisões, sobre interferências de uma urgência não-resolvida – jamais é de Deus simplesmente, mas de Deus tal como O mesmo se revelou em Cristo Jesus. E isto, não

⁷⁰⁴ *Trabalhos de Jesus*, I, 65s.

⁷⁰⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 163.

⁷⁰⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 164.

⁷⁰⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 10; I, 24.

⁷⁰⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 94.

⁷⁰⁹ *Trabalhos de Jesus*, I, 108, remetendo para Agostinho de Hipona, *De Trinitate*, 7, 3, 4, PL 42, 936s.

através de um mimetismo extrínseco de um ideal teórico, mas sobretudo mediante a reprodução interior, que terá suas implicações exteriores, dos valores espirituais de Cristo: de um Cristo que passa, dessa forma e de modo consciente, a ser, no sujeito, como «vida da minha alma, e todo meu bem»⁷¹⁰. Ou seja e naquilo que é um outro modo de dizer «redenção», imitar a Jesus, para o nosso frade agostinho e no meio de associações intermédias, é viver na semelhança espiritual⁷¹¹ própria de quem, além da imagem jamais perdida mas ferida, começa a recuperar, pela íntima e concreta conformidade com Aquele, a realizar progressivamente aquela semelhança que havia sido extraviada pelo desamor e, assim, a imagem plena (cf. 2Cor. 3,18). Eis, como já havia referido Agostinho de Hipona, que tanto marca a espiritualidade de Tomé de Jesus, a verdade de que «si veraciter amamus, imitemur. Non enim meliorem reddere poterimus dilectionis fructum, quam imitationis exemplum»⁷¹².

Por isto mesmo, o nosso Autor, numa projeção remota adequada a uma linguagem querida para ser mais técnica do que literária, não hesita em dizer que a imitação é o maior dom⁷¹³ e a maior honra⁷¹⁴ que pode ser comunicada por Deus ao sujeito. Na verdade, a imitação, levando ao acolhimento da salvação e assim convertendo-se na única preocupação que o crente deve possuir⁷¹⁵, sacia o amor ardente de um Jesus que, no dizer de Tomé de Jesus, morreu «com sede de nossa salvação»⁷¹⁶ (cf. Jo. 19,28). Pois bem, essa oferenda deve ser acolhida e vivida, não de um modo verbal, mas, naquilo que a faz muito mais difícil e raro do que o louvor⁷¹⁷, de um modo efetivo que se prova no se aceitar, por um lado, estar «preso de vossa suavíssima bondade sempre, e para sempre»⁷¹⁸ e, por outro e concomitantemente, os sofrimentos que estão inter cruzados com o amor⁷¹⁹.

Avançando na nossa exposição para a apreciação do campo gravitacional espiritual que permite o valor que estamos a ponderar, comprovamos imediatamente que, de acordo com Tomé de Jesus a percorrer meridianos combinatórios – e naquilo que mostra que não existe, na sua conceção, nenhuma deriva em direção a um voluntarismo psicológico –, para que a imitação seja possível, é necessário um empenho sinérgico entre Deus e o ser humano. Por um lado e como base de toda a imitação, o nosso Autor afirma

⁷¹⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, 12; cf. Agostinho de Hipona, *Confessiones*, 7, 1, 2, PL 32, 733.

⁷¹¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 165; cf. Bernardo de Claraval, *De gratia et libero arbitrio*, 10, 32ss, PL 182, 1018B-1019C.

⁷¹² Agostinho de Hipona, *Sermones*, 304, 2, 2, PL 38, 1395s.

⁷¹³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 199.

⁷¹⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 254s.

⁷¹⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 339.

⁷¹⁶ *Trabalhos de Jesus*, II, 300.

⁷¹⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 123.

⁷¹⁸ *Trabalhos de Jesus*, II, 305.

⁷¹⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 301.

categoricamente que a graça divina, sempre a precisar de ser suplicada, é essencial para se lograr imitar a Jesus⁷²⁰. Por outras palavras: parecer-se com Jesus só com o auxílio e o espírito d'Este⁷²¹. Para que o sujeito seja sensível a esta ajuda, Tomé de Jesus, numa das suas epifanias do regular e mostrando que a imitação não é propriamente concomitante com o começo da vida espiritual – em que as consolações são mais frequentes –, aduz que Deus potencia que o crente experiencie algumas dificuldades que o façam desiludir-se do Mundo e desapegar-se do mesmo, de modo a passar a desejar enveredar por tal imitação⁷²².

Por outro lado, o crente, submetendo-se ao querer divino, deve fomentar desejos de imitar as duas primeiras vertentes de Cristo-Espelho⁷²³ e, com o auxílio dos santos – particularmente Maria⁷²⁴ – a quem deve implorar auxílio⁷²⁵, empenhar-se em criar continuamente em si a moldura humana para que tal seja logrável. Esta será constituída por sete realidades que se articulam no delinear de uma profunda e radical conversão. A saber: estimar a humildade⁷²⁶; amar, e se possível amar puramente⁷²⁷; aceitar «levar apoz este Senhor as cruces, que nos elle dá, com olhos nelle»⁷²⁸; aborrecer o desamor⁷²⁹; negar o parecer próprio e a soberba⁷³⁰; afastar-se – num genuíno «*contemptus mundi*» que, tendo pautado tanto do ascetismo cristão, marca profundamente toda a ambiguidade inteiramente ausente da obra que estamos a considerar – do «amor do mundo, e das cousas da vida»⁷³¹; e, por fim, desejar vividamente ser transfigurado espiritualmente⁷³².

Tudo isto, por seu lado e recordando a interrogação retórica «quid est enim sequi nisi imitari?»⁷³³ de Agostinho de Hipona, permitirá que o sujeito se disponha a seguir a Jesus (cf. Mt. 16,24), de forma a estar disponível a aprender, de modo vital e em clima pedagógico, com o Mesmo⁷³⁴ (cf. Mt. 11,29). Na realidade, só fomentando, dessa forma e numa rejeição de todo o

⁷²⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 47.

⁷²¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 184 e II, 222.

⁷²² Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 283.

⁷²³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 6.

⁷²⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 144.

⁷²⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 83.

⁷²⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 242.

⁷²⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 5 e II, 257; e, depois, Bernardo de Claraval, *Sermo IV in feria 4 hebdomadae sanctae*, 12, PL 183, 269C.

⁷²⁸ *Trabalhos de Jesus*, II, 197; cf. Thomas Hemerken, *De imitatione Christi*, 2, 12, 7 [daqui em diante apenas referida pelo nome do autor seguida de *De imitatione*].

⁷²⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 222.

⁷³⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 165 e II, 77.

⁷³¹ *Trabalhos de Jesus*, II, 67; II, 234; cf. Thomas Hemerken, *De imitatione*, 3, 66, 3.

⁷³² Agostinho de Hipona, *De sancta virginitate*, 27, PL 40, 411.

⁷³³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 257.

⁷³⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 90 e II, 100; e, depois, *Ejercicios espirituales* [109, 2].

tresmalhar fingido, o viver numa amorosa e transformante comunidade espiritual com Este, particularmente pelo lembrar-se dos exemplos que O mesmo apresentou na sua vida⁷³⁵, é que tal imitar será exequível: «ficarão sem vossa companhia feras, e brutas, e a mim levareis manso, e feito de lobo cor-deiro, e de leão ovelha, e de vibora humilde imitador vosso toda a vida»⁷³⁶.

2.8.3. O acusativo da imitação verte-se para a redenção

Neste último apartado, iremos, ainda e sempre dentro do contexto apresentado no primeiro parágrafo do apartado anterior, dar a nossa atenção àquilo que, segundo o labirinto de pesar do nosso frade, o sujeito deve imitar em Cristo-Espelho e ao que tal realidade lhe comunica. No que concerne ao primeiro tópico, o crente, tal como já vimos quando apreciámos Jesus como Espelho do que deve ser o ser humano, deve imitar, sempre com afeto e amor interior⁷³⁷ à semelhança de uma Maria que desejou mais ser imitadora do que mãe⁷³⁸, o caminho seguido e constituído (cf. Jo. 14,5s) por Cristo Jesus⁷³⁹. Quer dizer, o «real caminho do espírito»⁷⁴⁰ (cf. Nm. 21,21s) tecido pelas obras d'Aquele, que, dando-se como exemplo particularmente no exercício das virtudes, as realizou, precisamente e de acordo com o nosso Autor, para serem imitadas⁷⁴¹. Como sabemos – e os *Trabalhos de Jesus*, por entre a sua atmosfera admonitória, rememoram continuamente –, tal via convergiu na Cruz, e o que Cristo espelhou nesta é mesmo o resumir de tudo aquilo que o sujeito deve imitar dos, longa e imaginativamente descritos pelo nosso Autor, não-sisfícos trabalhos – leia-se «obras» e «padecimentos» que aquelas implicam – de Jesus⁷⁴² (cf., v.g., 1Pd. 2,21).

E o que é que a Cruz espelha e exhibe? Duas grandes realidades, que as duas supramencionadas vertentes de «trabalhos» já apontam: por um lado, as virtudes espirituais que expressam a abnegação (a si) e a renúncia ao Mundo, essenciais a toda a conversão espiritual, e, por outro, o amor que dá valor àquelas. Ou seja, a loucura do sofrimento aceite que testemunha a loucura do amor. Entre aquelas virtudes que educam para a aceitação da morte em Cristo, Tomé de Jesus, escrevendo entre portas que se fecham, vinca a aspeireza de vida e o silêncio⁷⁴³, o aceitar ser murmurado e desprezado pelos que

⁷³⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 43.

⁷³⁶ *Trabalhos de Jesus*, I, 249.

⁷³⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 7; I, 10 e II, 100.

⁷³⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 122.

⁷³⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 277; cf. Agostinho de Hipona, *Sermones*, 141, 4, PL 38, 777.

⁷⁴⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, 245; cf. Agostinho de Hipona, *De civitate Dei*, 10, 32, 1s, PL 41, 312-315; Thomas Hemerken, *De imitatione*, 2, 12, 1-15.

⁷⁴¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 259; cf. Boaventura de Bagnoregio, *Epistola de imitatione*, 3.

⁷⁴² Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 240.

⁷⁴³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 188 e II, 272.

desconhecem a Cristo⁷⁴⁴, bem como, na mesma linha, o deixar-se ser tido «da gente como parvo, e sandeu»⁷⁴⁵ (cf. Mt. 27, 27-31; Lc. 23,11).

A respeito do amor, que individualiza o que de mais essencial há no Deus cristão patente em Cristo Jesus, o nosso frade agostinho aponta para o imitar o próprio amor – sempre inseparável da humildade e mansidão⁷⁴⁶ (cf. Mt. 11,29) – de Cristo pela humanidade pecadora⁷⁴⁷ (cf. Jo. 13, 34s; Ef. 4,32). Amor esse que, tendo Jesus escondido a sua divindade⁷⁴⁸, é o máximo testemunho do que é Deus e o que deve ser cada membro da humanidade. Em concreto: um amor puro, ou «desinteressal»⁷⁴⁹ e não misturado com outra motivação além da sua motivação intrínseca, pois, como afirma o nosso frade agostinho num extrato das suas sucessivas perístases, «aquelles que todo seu cuidado, e intento applicaram e consagraram ao amor actual, e exercicio da imitação d’este Senhor, o acham tão cioso do amor da alma, que [...] lhes não permite mistura d’outro, por santo que pareça»⁷⁵⁰.

Como constatamos, trata-se de um amor que – sendo só possível com a ajuda explícita de Deus⁷⁵¹ e estando chamado a acompanhar a imitação mais perfeita⁷⁵² que foi lograda, por exemplo, por Maria⁷⁵³ – se expressa no deixar tudo para trás⁷⁵⁴ (cf. Lc. 18,22) e, como evidência de tal gratuidade que leva ao amor aos inimigos (cf. Mt. 5,44), no retribuir (mesmo que isso comporte sofrimento e no que configura a mais perfeita imitação) o mal com o bem⁷⁵⁵ (cf. Rm. 12,20s). Em síntese: imitar a Cristo Jesus no seu «status exinanitionis», para o nosso Autor, é, tanto quanto possível, identificar-se com, aderir a, e fazer-se em, aquilo que Aquele se fez para bem da humanidade.

Finalmente, no que concerne aos efeitos da imitação do Espelho que é Cristo, Tomé de Jesus, colocando-os a girar ao redor da noção de transformação do sujeito⁷⁵⁶ (cf. Ef. 4,23s), advoga, de um modo abertamente duro e avelado, que a mesma transmite ao sujeito uma nova luz sobre o modo de proceder. Luz esta que, «allumiando os entendimentos, inflammando as

⁷⁴⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 336 e II, 54.

⁷⁴⁵ *Trabalhos de Jesus*, II, 113; cf. *Ejercicios espirituales* [98, 3]; [168, 2].

⁷⁴⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 74; e, depois, Agostinho de Hipona, *Joannis Evangelium tractatus*, 25, 6, 16, PL 35, 1604; Bernardo de Claraval, *De gradibus humilitatis et superbiae*, 1, 1, PL 182, 941C; Boaventura de Bagnoregio, *Epistola de imitatione*, 4-6.

⁷⁴⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 146.

⁷⁴⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 55.

⁷⁴⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, 123; cf. Boaventura de Bagnoregio, *Epistola de imitatione*, 9s.

⁷⁵⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, 124; cf. Thomas Hemerken, *De imitatione*, 2, 7, 1ss; 2, 8, 4; 2, 11, 3.

⁷⁵¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 253.

⁷⁵² Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 132.

⁷⁵³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 102.

⁷⁵⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 184; cf. Boaventura de Bagnoregio, *Apologia pauperum*, 1-4; Idem, *Epistola de imitatione*, 7s.

⁷⁵⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 275.

⁷⁵⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 8.

vontades, abraçando as almas, que à vossa imitação chamaís»⁷⁵⁷, faz do espírito humano ser genuinamente conformado com Ele. Tudo isto, numa primeira perspectiva que podemos denominar de «negativa» permite que o sujeito comece a mortificar-se antes de estar em tentação⁷⁵⁸, evite erros⁷⁵⁹ e, por essa razão, pecados⁷⁶⁰, pois, como diz a máxima escolástica, «*omnis peccans est errans*». Eis o que faz com que, nas palavras de Tomé de Jesus, o sujeito que imita a Jesus possa afirmar que «não [é] tudo em mim lodo»⁷⁶¹ – no sentido de estar espiritualmente morto –, antes possa estar convicto de que estará protegido do mal⁷⁶² (cf. 1Tm. 4,18) e, no que começa a patentear que a derradeira motivação da imitação é a redenção do sujeito, a ver «cura[da] minha perdição»⁷⁶³.

Numa segunda perspectiva particularmente «positiva», a imitação de Cristo, assumida pelo nosso frade como norma da vida cristã intencionalmente desviada do desusado, permite ainda exercer com mais facilidade as virtudes⁷⁶⁴ – especialmente a humildade⁷⁶⁵, a abnegação⁷⁶⁶ e, tal como Jesus deseja ardentemente no parecer do nosso Autor, «o puro amor de Deos, e charidade»⁷⁶⁷ –, que são essenciais para o crente poder viver co(m)-crucificado⁷⁶⁸. Eis, precisamente nesta existência, uma estranha e desafiante forma de vida. Uma vida que – segundo o nosso Autor a elaborar, no decurso do seu enaltecimento da vida consagrada, denúncias clamorosas de considerável indiscrição – leva a que o crente aceite, com gosto, os sofrimentos⁷⁶⁹ e, ao mesmo tempo, não esteja preocupado com honras⁷⁷⁰ nem queira outra justificação além do ser e agir como Jesus⁷⁷¹; ou seja, uma vida que lhe permitirá aceitar o que o poderia afastar de tal vida. Mas não só: ela permitirá ao crente acolher a graça de viver com alegria e força⁷⁷² e, assim, seguro e sem medo⁷⁷³ (cf. Sal. 4,9; 34,5; Is. 41,10).

⁷⁵⁷ *Trabalhos de Jesus*, II, 204; cf. Thomas Hemerken, *De imitatione*, I, 1, 1.

⁷⁵⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 149.

⁷⁵⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 35.

⁷⁶⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 12.

⁷⁶¹ *Trabalhos de Jesus*, I, 161.

⁷⁶² Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 259.

⁷⁶³ *Trabalhos de Jesus*, I, 164; cf., *supra*, texto de Agostinho de Hipona referenciado na nota 749.

⁷⁶⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 5.

⁷⁶⁵ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 164.

⁷⁶⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 44.

⁷⁶⁷ *Trabalhos de Jesus*, I, 253.

⁷⁶⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 204; II, 229; e, após, Thomas Hemerken, *De imitatione*, 2, 11, 1.

⁷⁶⁹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 275.

⁷⁷⁰ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 44.

⁷⁷¹ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 130.

⁷⁷² Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 12.

⁷⁷³ Cf. *Trabalhos de Jesus*, I, 184 e II, 233.

Em última análise, de acordo com as emotivas reflexões dilatadas presentes em *Trabalhos de Jesus*, a imitação faz com que o crente seja feito servo, discípulo e amigo de Jesus⁷⁷⁴ e, na linha do «l'amante ne l'amato si transforme»⁷⁷⁵ de Petrarca, se metamorfoseie naquilo que contempla⁷⁷⁶. Como vemos, não se trata apenas de amar perfeitamente, mas de ser feito amor puro⁷⁷⁷ e, assim, humanamente perfeito⁷⁷⁸ (cf. Mt. 5,48; Lc. 6,36), de modo a que, por fim, acolha o dom decorrente de Deus vir a «glorificar estes seus verdadeiros imitadores»⁷⁷⁹ (cf. 1Jo. 3,2). A imitação assumptiva do Espelho, ultimamente e como já tínhamos vislumbrado, como meio funcional para o acolhimento subjetivo da redenção, que levará o sujeito a configurar-se com o «*status exaltationis*» d'Aquele. Justamente aquele facto que nos leva a declarar, parafraseando um celebre teologúmeno de Gregório de Nazianzo⁷⁸⁰, que, de acordo com as fotopias confutadas do texto de Tomé de Jesus, o que não é imitado, do «verdadeiro amigo e único remediador [...] das penas»⁷⁸¹, não pode sanar.

2.8.4. Reflexões conclusivas

Não obstante a sua considerável difusão até meados do séc. XX, dificilmente se poderá dizer que perante esta obra – redigida em delicadíssimas circunstâncias, que, trágica e lamentavelmente, cada vez mais cristãos vão revivendo nos nossos dias –, se está diante de um dos inúmeros apogeus da espiritualidade cristã. De todos os modos, a finalidade da mesma, que nestas páginas quisemos evocar de uma forma tematicamente exaustiva, é um tema absolutamente clássico na espiritualidade cristã. Um tema a que Tomé de Jesus, embora sem grandes rasgos originais, conferiu uma peculiar tonalidade ao tê-lo articulado, através da sua verve repleta de um denso subjetivismo sublinhado por um substancial pessimismo órbico e antropológico, com a temática, filosófica e teologicamente sustentadora de semelhança e de alteridade, de Cristo enquanto Espelho.

Tomé, com os seus contornos literários cheios de fragmentos sensíveis, não faz isto tendo em mira a simples redação de um tratado parenético meramente ascético-moralizante, embora, admitamos, isso possa ser a primeira e dominante impressão. Ele deseja, sim e com *Trabalhos de Jesus*, edificar uma matriz afetivo-imaginativa que, recorrendo à visão espiritual enquanto via privilegiada do conhecimento, comova os seus leitores ao visibilizar a

⁷⁷⁴ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 193 e II, 242; e, após, Thomas Hemerken, *De imitatione*, 2, 8, 3.

⁷⁷⁵ Francesco Petrarca, *Trionfo d'Amore*, 3, lin. 162.

⁷⁷⁶ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 165.

⁷⁷⁷ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 257.

⁷⁷⁸ Cf. *Trabalhos de Jesus*, II, 257 e I, 12.

⁷⁷⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, 340.

⁷⁸⁰ Cf. Gregório de Nazianzo, *Epistolae*, 101, PG 37, 181C.

⁷⁸¹ *Trabalhos de Jesus*, II, 12.

loucura do amor espelhada na loucura da Cruz. Uma matriz que, no fundo, espelhe as três vertentes por nós assinaladas de Cristo-Espelho, a partir da qual os seus futuríveis leitores possam estabelecer uma real comunhão vital com a «*forma Christi*» mediante a consideração da «*forma Iesu*».

O que acabámos de constatar, e conforme acreditamos ter deixado bem evidente no nosso estudo, tem um fito bem determinado. A saber: que, concordemente com a vontade e a ação divinas, cada um dos leitores possa converter-se num genuíno «*alter Christus*» que, reproduzindo a Cristo (cf. Rm. 8,29), seja capaz de enveredar, naquilo que configura uma certa censura transgressora de distintos quadrantes, por uma nova forma de existir e de agir. Ou seja, na obra-mestra de Tomé de Jesus, a imitação, por parte do seu leitor – do contemplado, por uma série de reflexos especulares que associam o divino e o humano, nas duas primeiras vertentes, por nós elencadas de Cristo enquanto Espelho –, surge como um meio para que neste ocorra uma cristização («*ex Deo*») ou cristificação («*ex homine*»).

Se, como sabemos, tentar agir como faz outrem a quem se reconhece valor para ser tomado como inspiração e exemplo é, em qualquer processo de ontogênese pessoal, vital, o nosso Autor, com a associação temática edificada por si em redor do conceito «imitar», deseja testemunhar que aquilo também deve ser uma realidade na cristomorfia pessoal. Isto, para um Tomé de Jesus a escrever no meio da sua solidão distraída, não é sinónimo de uma adaptação mecânica, mas de uma conformação interna do sujeito com as atitudes espirituais de Jesus Cristo (cf. 2Cor. 3,18; Gal. 4,19).

Talvez possamos esclarecer o que foi dito afirmando que, invertendo-se o sentido das ideias presentes na citação de Agostinho de Hipona que inserimos neste trabalho⁷⁸², imitar, para o nosso vate agostinho, é caminhar espiritualmente atrás de Jesus Cristo mediante o ir sendo incorporado no seu mistério filial-obediencial. Efetivamente – segundo o nosso Autor e diante de um Espelho tridimensional como aquele que é Cristo Jesus a apontar para um ideal e uma deformidade –, ao imitar Aquele, enquanto reflexo original de Deus e do ser humano, jamais se envereda por uma reprodução de um modelo exterior, mas, graças a uma relação pessoal em que as virtudes espirituais convergem no amor, é-se assimilado por Alguém. Isto só pode ter um significado: configurar-se com sua missão crística que culmina em Cruz (cf. Gal. 2,19s). Imitar, comprovamos, é o que Tomé de Jesus – abolindo todas as conjecturas torturantes no seu, por vezes sôfrego, respirar de comoção devota – estima ser possível a quem, no contexto pós-estaurológico, deseja seguir a Cristo. Mística, pois, não da dor, mas, e por mais que uma incontestável piedade intimista e dolorista perpassasse toda aquela obra, da imitação redentora.

⁷⁸² Cf., *supra*, nota 63.

Tomé de Jesus morreu cativo de inimigos religiosos e políticos. A sua maciça e trabalhosa mensagem espiritual é, para os nossos dias em que se luta com todas as energias contra a extinção formal das vaidades ocultas, um elemento crítico para todas aquelas palavras cristãs coevas que, cativas de amigos políticos e religiosos, jamais serviriam para quem vive circunstâncias análogas às do nosso Autor. Também por isso, na nossa opinião, *Trabalhos de Jesus* merece ser mais estudado e conhecido.

2.9. Figurações celestes da redenção em Agostinho da Cruz

Alexandre Freire Duarte

«Comfort's in heaven, and we are on the earth»

William Shakespeare
The Life and Death of Richard the Second

Quando em Dezembro de 2010, num encontro com os professores Jacques le Brun, Dominique Salin e François Marxer, surgiu o tema da importância e da qualidade da espiritualidade portuguesa do século XVI, a opinião geral – para a qual contribuiu a nossa falta de conhecimento aprofundado acerca da mesma, devido aos nossos anos de formação no estrangeiro e à orientação da nossa investigação preferentemente para o século XVII francês – foi inevitável: «la comparaison est injuste, mais, en tenant compte de la valeur de la spiritualité espagnole sa contemporaine, son rôle est négligeable». Tal ignorância, que na ocasião nos envergonhou vivamente, converteu-se, aquando do começo da execução deste trabalho que aqui ganha talhe final, numa grande benesse. Deveras, quase que invertendo a máxima de Victor Hugo – «la liberté commence où l'ignorance finit»⁷⁸³, podíamos tratar o mesmo com uma pureza de olhar que nos permitiria ir ao essencial no estudo de qualquer escritor: o texto. O texto e nada mais do que o texto.

As palavras que se seguirão serão, assim, o rumor de um texto na nossa consciência, de teólogo e estudioso da mística, afinada à meta deste estudo: as figurações, a partir da temática central do Céu, da redenção na obra de Agostinho da Cruz (1540-1619)⁷⁸⁴. Palavras que, de acordo com uma me-

⁷⁸³ Victor Hugo, *Océan*, Paris, Robert Laffont, 1989, 21.

⁷⁸⁴ Seguiremos, sem preocupação pela canonicidade das mesmas, as obras agostinianas presentes em: Joaquim Mendes dos Remédios (ed.), *Obras de Fr. Agostinho da Cruz, conforme a edição impressa de 1771 e os Códices manuscritos das bibliotecas de Coimbra, Porto e Évora*, Coimbra, França Amado, 1918. Os textos desta última obra por nós citados ou aludidos, como instrumentos ilustrativos do pensamento de nosso Autor, serão referidos segundo a seguinte notação: *Obras* X, Y; isto é: texto